

Elijah - Número Um

O Primeiro e o Último

Jeff Pippenger

2023-07-31

A declaração final do Antigo Testamento traz a promessa de que o profeta Elias aparecerá com uma mensagem antes do grande e terrível dia do Senhor.

Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor: e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição. Malaquias 4:5, 6.

A Bíblia é clara ao afirmar que “o grande e terrível dia do Senhor” ou a “maldição” com que Deus fere “a terra” também é retratado simbolicamente como “as sete últimas pragas” ou “a ira de Deus” no livro do Apocalipse. O capítulo quinze do Apocalipse apresenta o cenário profético que leva ao derramamento das sete últimas pragas, grandes e terríveis, do capítulo dezesseis.

E vi outro sinal no céu, grande e maravilhoso: sete anjos que tinham as sete últimas pragas; pois nelas se completa a ira de Deus.

E vi como que um mar de vidro misturado com fogo; e os que haviam alcançado a vitória sobre a besta, sobre a sua imagem, sobre a sua marca e sobre o número do seu nome estavam em pé sobre o mar de vidro, tendo as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem não te temerá, ó Senhor, e não glorificará o teu nome? Pois só tu és santo; porquanto todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus juízos foram manifestos.

E depois disso olhei, e eis que se abriu no céu o templo do tabernáculo do testemunho; e saíram do templo os sete anjos, que tinham as sete pragas, vestidos de linho puro e branco, e cingidos pelos peitos com cintos de ouro. E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da ira de Deus, que vive pelos séculos dos séculos. E o templo encheu-se de fumaça por causa da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no templo, até que se cumprissem as sete pragas dos sete anjos. Apocalipse 15:1-8.

A razão pela qual “ninguém podia entrar no templo, até que se cumprissem as sete pragas dos sete anjos” é que a oportunidade de assegurar a salvação se encerra quando o templo se enche de fumaça no capítulo quinze. O período probatório concedido à humanidade para se arrepender e encontrar salvação então termina. Quando esse momento chega, “as sete últimas pragas” — como João se refere ao “grande e terrível dia do Senhor” — são derramadas antes da Segunda Vinda de Cristo. Malaquias chamou esse dia de “terrível”, e Isaías o identifica como o “ato estranho” de Deus.

Porque o Senhor se levantará como no monte Perazim; irar-se-á como no vale de Gibeão, para fazer a sua obra, a sua obra estranha; e levar a efeito o seu ato, o seu ato estranho. Agora, pois,

não sejais escarnecedores, para que não se fortaleçam os vossos laços; porque do Senhor Deus dos Exércitos ouvi uma consumação, determinada sobre toda a terra. Isaías 28:21, 22.

Embora o "estranho ato" de Deus englobe "toda a terra", a Inspiração deixa claro que o derramamento das pragas está associado à rebelião de uma nação.

"As nações estrangeiras seguirão o exemplo dos Estados Unidos. Embora os Estados Unidos liderem, a mesma crise sobrevirá ao nosso povo em todas as partes do mundo." Testemunhos, volume 6, 395.

"Quando a América, a terra da liberdade religiosa, se unir ao Papado para coagir a consciência e obrigar os homens a honrar o falso sábado, os povos de todos os países do globo serão levados a seguir o seu exemplo." Testemunhos, volume 6, 18.

Cada nação encherá o cálice do seu tempo probatório, mas os "juízos de Deus" que a Irmã White identifica como "ruína nacional" e que ela também chama de "o tempo dos juízos destrutivos de Deus" para designar a história que começa com a lei dominical nos Estados Unidos, não são as sete últimas pragas.

"Chegará o tempo em que a lei de Deus, em um sentido especial, será anulada em nossa terra. Os governantes de nossa nação, por meio de atos legislativos, imporão a lei dominical e, assim, o povo de Deus será exposto a grande perigo. Quando nossa nação, em seus conselhos legislativos, promulgar leis para coagir as consciências dos homens no que diz respeito a seus privilégios religiosos, impondo a observância do domingo e exercendo poder opressivo contra aqueles que guardam o sábado do sétimo dia, a lei de Deus, para todos os efeitos, será anulada em nossa terra; e a apostasia nacional será seguida pela ruína nacional." Review and Herald, 18 de dezembro de 1888.

Os juízos de Deus, que a irmã White identifica como "ruína nacional", começam com a lei dominical nacional e assinalam o início do "ato estranho" de Deus, embora o ato estranho de Deus se refira, de modo mais específico, às sete últimas pragas. Um quadro mais completo do ato estranho de Deus aparece quando a libertação do Egito é acrescentada à linha dos juízos executivos de Deus. As pragas do Egito, embora em número de dez, foram divididas. As três primeiras foram distinguidas das sete últimas. Assim, a libertação do Egito identifica um período de tempo, representado pelas três primeiras pragas, que começa com a ruína nacional dos Estados Unidos e continua até que Miguel se levante e o período probatório humano se encerre.

Os juízos de Deus cairão sobre aqueles que buscam oprimir e destruir Seu povo. Sua longa longanimidade para com os ímpios encoraja os homens na transgressão, mas o castigo deles é, ainda assim, certo e terrível, porque tem sido por muito tempo adiado. "O Senhor se levantará como no monte Perazim; enfurecer-se-á como no vale de Gibeão, para fazer a Sua obra, a Sua obra estranha; e para executar o Seu ato, o Seu ato estranho." Isaías 28:21. Para o nosso Deus misericordioso, o ato de punir é um ato estranho. "Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio." Ezequiel 33:11. O Senhor é "misericordioso e compassivo, longânimo e abundante em bondade e verdade, ... que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado." Contudo, Ele "de modo algum terá por inocente o culpado." "O Senhor é tardio em

irar-se, grande em poder, e de maneira nenhuma terá por inocente o ímpio.” Êxodo 34:6, 7; Naum 1:3. Por coisas terríveis, em justiça, Ele vindicará a autoridade de Sua lei pisoteada. A severidade da retribuição que aguarda o transgressor pode ser avaliada pela relutância do Senhor em executar a justiça. A nação para com a qual Ele usa de longanimidade, e a qual Ele não ferirá até que tenha enchido a medida de sua iniquidade perante Deus, finalmente beberá o cálice da ira, sem mistura de misericórdia.

Quando Cristo cessar Sua intercessão no santuário, a ira sem mistura, ameaçada contra os que adoram a besta e sua imagem e recebem a sua marca (Apocalipse 14:9, 10), será derramada. As pragas sobre o Egito, quando Deus estava prestes a libertar Israel, eram semelhantes em caráter àqueles juízos mais terríveis e extensos que hão de cair sobre o mundo pouco antes da libertação final do povo de Deus. Diz o revelador, ao descrever esses flagelos terríveis: 'Caiu uma chaga maligna e dolorosa sobre os homens que tinham a marca da besta, e sobre os que adoravam a sua imagem.' O mar 'tornou-se como sangue de morto; e toda alma vivente morreu no mar.' E 'os rios e as fontes das águas ... tornaram-se em sangue.' Por mais terríveis que sejam essas punições, a justiça de Deus fica plenamente vindicada. O anjo de Deus declara: 'Justo és, ó Senhor, ... porque julgaste assim. Pois derramaram o sangue dos santos e dos profetas, e tu lhes deste sangue para beber; porque o merecem.' Apocalipse 16:2-6. Ao condenarem o povo de Deus à morte, incorreram realmente na culpa por seu sangue, como se este tivesse sido derramado por suas mãos. Do mesmo modo, Cristo declarou os judeus de Seu tempo culpados de todo o sangue dos homens santos que havia sido derramado desde os dias de Abel; pois possuíam o mesmo espírito e estavam procurando fazer a mesma obra que esses assassinos dos profetas.

Na praga que se segue, é dado ao sol poder 'para abrasar os homens com fogo. E os homens foram abrasados com grande calor.' Versículos 8, 9. Os profetas descrevem assim a condição da terra nesse tempo terrível: 'A terra lamenta; ... porque a colheita do campo pereceu.... Todas as árvores do campo se secaram; porque a alegria se secou dentre os filhos dos homens.' 'A semente apodreceu debaixo dos torrões, os celeiros estão desolados.... Como gemem os animais! os rebanhos de gado estão perplexos, porque não têm pasto.... Os rios se secaram, e o fogo devorou os pastos do deserto.' 'Os cânticos do templo serão uivos naquele dia, diz o Senhor Deus: haverá muitos cadáveres em todo lugar; lançá-los-ão fora em silêncio.' Joel 1:10-12, 17-20; Amós 8:3.

Essas pragas não são universais, caso contrário os habitantes da terra seriam totalmente exterminados. Ainda assim, serão os mais terríveis flagelos que os mortais já conheceram. Todos os juízos sobre os homens, antes do fim do tempo de graça, têm sido misturados com misericórdia. O sangue intercessor de Cristo tem protegido o pecador de receber a plena medida de sua culpa; mas, no juízo final, a ira é derramada sem mistura de misericórdia.

Naquele dia, multidões desejarão o abrigo da misericórdia de Deus que por tanto tempo desprezaram. 'Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor; e vagarão de mar a mar, e do norte até o oriente; correrão de um lado para outro para buscar a palavra do Senhor, e não a acharão.' Amós 8:11, 12. O Grande Conflito, 627-629.

Na passagem anterior afirmava-se: "A nação com a qual Ele é longânimo, e que Ele não ferirá até que tenha completado, aos olhos de Deus, a medida de sua iniquidade, finalmente beberá o cálice da ira, sem mistura de misericórdia." Ela também escreveu, no mesmo parágrafo: "As pragas sobre o Egito, quando Deus estava prestes a libertar Israel, eram semelhantes em caráter àqueles juízos mais terríveis e extensos que não de cair sobre o mundo pouco antes da libertação final do povo de Deus." A nação (os Estados Unidos) que completar "a medida da iniquidade" sofrerá pragas semelhantes às dez pragas do Egito.

As pragas do Egito foram divididas em dois períodos. As três primeiras pragas atingiram a todos, mas as sete últimas atingiram apenas os egípcios.

E naquele dia separarei a terra de Gósen, em que habita o meu povo, para que ali não haja enxames de moscas; para que saibas que eu sou o Senhor no meio da terra. Êxodo 8:22.

As primeiras três pragas no Egito caíram por toda parte, mas Gósen, onde viviam os hebreus, não recebeu as sete últimas pragas do Egito. Os Estados Unidos são a nação que enche o seu cálice de iniquidade por ocasião da lei dominical. Nesse ponto, a apostasia nacional é seguida pela ruína nacional, mas os juízos que produzem a ruína nacional são misturados com misericórdia até que Miguel se levante e se encerre o tempo de graça para toda a humanidade. Na lei dominical nos Estados Unidos, a maioria dos que agora professam ser guardadores do sábado se curvará aos poderes constituídos e aceitará a marca da besta. Naquele momento, a questão da lei dominical torna-se uma prova espiritual para aqueles que estiveram fora do adventismo. Desde a lei dominical nos Estados Unidos até que Miguel se levante ocorre o grande ajuntamento dos obreiros da décima primeira hora, mas a porta já se fechou para aqueles que são responsabilizados pela luz do sábado do sétimo dia antes da lei dominical.

Cada vez mais, à medida que os dias passam, torna-se evidente que os juízos de Deus estão no mundo. Por meio de fogo, inundações e terremotos, Ele está advertindo os habitantes desta terra de Sua vinda próxima. Aproxima-se o tempo em que a grande crise na história do mundo terá chegado, quando cada movimento no governo de Deus será observado com intenso interesse e apreensão inexprimível. Em rápida sucessão, os juízos de Deus se seguirão uns aos outros — fogo, inundações e terremotos, com guerra e derramamento de sangue.

Ah, se o povo conhecesse o tempo de sua visitação! Há muitos que ainda não ouviram a verdade de prova para este tempo. Há muitos com quem o Espírito de Deus está contendendo. O tempo dos juízos destrutivos de Deus é tempo de misericórdia para aqueles que não tiveram oportunidade de aprender o que é a verdade. Com ternura, o Senhor olhará para eles. Seu coração de misericórdia é tocado; Sua mão ainda está estendida para salvar, enquanto a porta está fechada para os que não quiseram entrar.

"A misericórdia de Deus se manifesta em Sua longanimidade. Ele está contendo Seus juízos, esperando que a mensagem de advertência seja soada a todos. Oh, se o nosso povo sentisse, como deveria, a responsabilidade que repousa sobre ele de dar ao mundo a última mensagem de misericórdia, que obra maravilhosa seria realizada!" Testemunhos, volume 9, 97.

Na passagem anterior, ela afirmou que "o tempo dos juízos destrutivos de Deus é o tempo de misericórdia para aqueles que não tiveram oportunidade de aprender o que é a verdade." Na passagem seguinte, ela se refere a esse período como "o tempo de angústia."

Vi que o santo sábado é, e será, o muro de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos; e que o sábado é a grande questão para unir os corações dos amados santos de Deus que aguardam. E se alguém cresse e guardasse o sábado, e recebesse a bênção que o acompanha, e então o abandonasse e quebrasse o santo mandamento, fecharia contra si as portas da Cidade Santa, tão certo como existe um Deus que governa nos céus. Vi que Deus tinha filhos que não veem e não guardam o sábado. Eles não tinham rejeitado a luz a respeito dele. E, no início do tempo de angústia, fomos cheios do Espírito Santo quando saímos e proclamamos o sábado mais plenamente. Isso enfureceu a igreja e os adventistas nominais, pois não podiam refutar a verdade do sábado. E, nesse tempo, todos os escolhidos de Deus viram claramente que tínhamos a verdade, e saíram e suportaram a perseguição conosco. Uma Palavra ao Pequeno Rebanho, 18, 19.

Embora um pouco modificado, o mesmo trecho recém-citado encontra-se no livro *Early Writings*. Nesse livro, ela inclui comentários sobre sua declaração a respeito do "tempo de angústia". A *Word to the Little Flock* foi a primeira publicação dos Milleritas fiéis desapontados após o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844 e, décadas depois, quando os editores utilizaram trechos daquele folheto para incluí-los no livro *Early Writings*, esclareceram que o "tempo de angústia" mencionado não se referia às sete últimas pragas, pois, quando as sete últimas pragas são derramadas, não há misericórdia misturada com os juízos.

"1. Na página 33, lê-se o seguinte: 'Vi que o santo Sábado é, e será, o muro de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos; e que o Sábado é a grande questão para unir os corações dos queridos santos de Deus que esperam. Vi que Deus tinha filhos que não veem nem guardam o Sábado. Eles não rejeitaram a luz a respeito dele. E, no início do tempo de angústia, fomos cheios do Espírito Santo quando saímos e proclamamos o Sábado mais plenamente.'"

Essa visão foi dada em 1847, quando havia pouquíssimos dos irmãos adventistas observando o sábado, e, destes, poucos supunham que sua observância fosse de importância suficiente para traçar uma linha entre o povo de Deus e os incrédulos. Agora o cumprimento dessa visão começa a ser visto. O "começo desse tempo de angústia", aqui mencionado, não se refere ao tempo em que as pragas começarão a ser derramadas, mas a um curto período imediatamente antes de serem derramadas, enquanto Cristo está no santuário. Nesse tempo, enquanto a obra da salvação estiver se concluindo, aflições virão sobre a terra, e as nações estarão iradas, porém contidas, de modo a não impedir a obra do terceiro anjo. Nesse tempo virá a "chuva serôdia", ou refrigério da presença do Senhor, para dar poder à forte voz do terceiro anjo e preparar os santos para permanecerem firmes no período em que as sete últimas pragas forem derramadas. *Primeiros Escritos*, 85.

Na lei dominical nos Estados Unidos, a apostasia nacional será seguida pela ruína nacional. Naquela lei dominical, o adventismo nos Estados Unidos será dividido em duas classes: uma

receberá a marca da besta, a outra o selo de Deus. A ruína nacional dos Estados Unidos é representada pelas três primeiras pragas do Egito. Esses juízos continuam até o fechamento do tempo de graça para a humanidade; então são derramadas as sete últimas pragas, sem mistura de misericórdia.

Meu ponto é menos sobre a história profética do Egito e mais sobre o fato de que Ellen White identifica o Egito como o símbolo da nação que obriga o mundo inteiro a receber a marca da besta, pois, ao fazer isso, ela está usando o começo para ilustrar o fim, o que é a assinatura profética de Jesus como o Alfa e Ômega. Na história do Êxodo, quando o Senhor está firmando uma aliança com o antigo Israel, Ele se apresenta com um novo nome.

Então o Senhor disse a Moisés: Agora verás o que farei a Faraó; pois com mão forte os deixará ir, e com mão forte os expulsará de sua terra.

E Deus falou a Moisés e lhe disse: Eu sou o Senhor. Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como Deus Todo-Poderoso, mas pelo meu nome JEová não lhes fui conhecido.

E também estabeleci a minha aliança com eles, para lhes dar a terra de Canaã, a terra da sua peregrinação, na qual eram estrangeiros. E também ouvi o gemido dos filhos de Israel, a quem os egípcios mantêm em servidão; e lembrei-me da minha aliança. Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor; eu vos farei sair de debaixo dos fardos dos egípcios, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos: E vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tiro de debaixo dos fardos dos egípcios. E vos introduzirei na terra sobre a qual jurei dá-la a Abraão, a Isaque e a Jacó; e a darei a vós por herança: Eu sou o Senhor.

E Moisés falou assim aos filhos de Israel; mas eles não deram ouvidos a Moisés por causa da angústia de espírito e da dura servidão. Êxodo 6:1-9.

O Senhor aqui está identificando Moisés como o representante de Sua aliança, assim como o foram Jacó, Isaque e Abraão. Até a época de Moisés, o nome JEová era desconhecido para Abraão e seus descendentes e, na história da renovação da aliança de Abraão, quando os hebreus seriam libertos do cativeiro egípcio, o Senhor introduz uma nova revelação de Seu caráter, pois um nome representa profeticamente o caráter. Quando Abrão entrou em aliança com o Senhor, o Senhor mudou seu nome para Abraão. No início da profecia do cativeiro no Egito, o representante humano da aliança teve seu nome mudado e, ao final dessa profecia, Deus introduziu um novo nome para Si mesmo.

Abram fez uma aliança no capítulo quinze e ali apresentou a profecia do cativeiro egípcio por quatrocentos anos. No capítulo dezessete, Abram recebeu o rito da circuncisão, e os nomes dele e de Sarah foram mudados.

Quatrocentos anos depois, Moisés foi suscitado para cumprir a profecia de quatrocentos anos de Abraão. Abraão, Isaque, Jacó e Moisés, todos eles representam os cento e quarenta e quatro mil que entram em aliança com o Senhor nos últimos dias.

"Nos últimos dias da história desta Terra, a aliança de Deus com o seu povo que guarda os mandamentos será renovada." Review and Herald, 26 de fevereiro de 1914.

A separação entre os guardadores do sábado que aceitam a marca da besta e os guardadores do sábado que recebem o selo de Deus realiza-se por ocasião da lei dominical. A separação é representada na parábola das dez virgens.

"A parábola das dez virgens de Mateus 25 também ilustra a experiência do povo adventista." O Grande Conflito, 393.

"Muitas vezes apontam-me para a parábola das dez virgens, das quais cinco eram prudentes e cinco insensatas. Essa parábola tem sido e será cumprida ao pé da letra, pois tem uma aplicação especial para este tempo e, como a mensagem do terceiro anjo, tem sido cumprida e continuará a ser verdade presente até o fim do tempo." Review and Herald, 19 de agosto de 1890.

A parábola foi cumprida em 22 de outubro de 1844, quando as virgens prudentes e néscias da história milerita foram separadas. O início do Adventismo representa o fim do Adventismo, e a separação no fim é um cumprimento da parábola das dez virgens, e a separação no fim é produzida pela lei dominical.

"Mais uma vez, essas parábolas ensinam que não haverá período de provação após o juízo. Quando a obra do evangelho estiver concluída, segue-se imediatamente a separação entre os bons e os maus, e o destino de cada classe é determinado para sempre." Christ's Object Lessons, 123.

A parábola das dez virgens identifica que são as virgens prudentes do Adventismo que recebem o selo de Deus e as virgens insensatas do Adventismo que recebem a marca da besta por ocasião da lei dominical nos Estados Unidos. As virgens insensatas também são representadas como Laodicenses.

"O estado da Igreja, representado pelas virgens néscias, também é chamado de estado laodiceano." Review and Herald, 19 de agosto de 1890.

Nos últimos dias, quando Deus renovar Sua aliança com Seu povo que guarda os mandamentos, Deus revelará um novo nome de Si mesmo, como fez quando renovou a aliança no tempo de Moisés. A condição das virgens insensatas é que não têm azeite, e a condição dos laodicenses é que estão cegos demais para ver que não têm azeite. É óbvio que, se as virgens insensatas são laodicenses, então as virgens prudentes são filadelfienses.

E ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o Santo, o Verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre: Conheço as tuas obras; eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, que ninguém pode fechar; porque tens pouca força, e guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome.

Eis que farei que os da sinagoga de Satanás, que dizem ser judeus e não são, mas mentem, venham e se prostrem diante dos teus pés, e saibam que eu te amei. Porque guardaste a palavra

da minha paciência, eu também te guardarei da hora da tentação, que há de vir sobre todo o mundo, para provar os que habitam sobre a terra.

Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. Ao que vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca mais sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a Nova Jerusalém, que desce do céu, da parte do meu Deus; e escreverei sobre ele o meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. Apocalipse 3:7-13.

Os de Filadélfia representam os cento e quarenta e quatro mil, e lhes é prometido que Deus escreverá o Seu novo nome sobre eles. Quando o Senhor entrar em aliança com os cento e quarenta e quatro mil, Ele apresentará um novo nome Seu. A Abraão, o Senhor disse que Ele era o Deus Todo-Poderoso.

E quando Abrão tinha noventa e nove anos, o Senhor apareceu a Abrão e lhe disse: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda diante de mim e sê perfeito. E farei a minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei muitíssimo. Então Abrão prostrou-se com o rosto em terra, e Deus falou com ele, dizendo: Quanto a mim, eis que a minha aliança é contigo, e serás pai de muitas nações. E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas o teu nome será Abraão; porque por pai de muitas nações te fiz. Gênesis 17:1-5.

Quando o Senhor fez aliança pela primeira vez com um povo escolhido nos dias de Abraão, Ele Se identificou como o Deus Todo-Poderoso. Quando Ele ampliou Sua aliança nos dias de Moisés, pela primeira vez Se identificou como JEOVÁ. Quando Jesus veio confirmar a aliança com muitos por uma semana, Ele introduziu um novo nome de Deus que só havia sido expresso uma vez no Antigo Testamento, e isso por um babilônio.

Então o rei Nabucodonosor ficou espantado, levantou-se de pressa, falou e disse aos seus conselheiros: Porventura não lançamos três homens atados no meio do fogo? Responderam e disseram ao rei: É verdade, ó rei. Ele respondeu e disse: Eis que vejo quatro homens soltos, andando no meio do fogo, e nenhum dano há neles; e o aspecto do quarto é semelhante ao Filho de Deus. Daniel 3:24, 25.

É muito fácil estabelecer que o capítulo três de Daniel identifica a lei dominical nos Estados Unidos. Em Daniel três, Sadraque, Mesaque e Abednego representam os cento e quarenta e quatro mil. Os cento e quarenta e quatro mil são aqueles que renovam a aliança pela última vez. Em Daniel três, vemos uma ilustração profética da história da lei dominical e da chuva serôdia. Cristo esteve e estará nas chamas da perseguição com Seus três varões valorosos, que representam não apenas os cento e quarenta e quatro mil, mas também as três mensagens angélicas. No fogo, que tipifica a crise da lei dominical, Ele é identificado por um de Seus nomes, e é um nome que não seria introduzido na história até que Cristo viesse como o Filho de Deus. Na ilustração do capítulo três, vemos aqueles que renovam a aliança no fim do mundo interagindo com Cristo durante a crise final, e Ele tem um nome que ninguém conhecia.

Antes de me afastar demais da nossa consideração sobre a libertação egípcia que representa a lei dominical nos Estados Unidos, devemos lembrar que, antes de a primeira das dez pragas começar

no Egito, houve uma verdadeira agitação em torno do sábado.

E Faraó disse: Eis que agora o povo da terra é numeroso, e vós os fazeis descansar de seus fardos. E Faraó, naquele mesmo dia, ordenou aos feitores do povo e aos seus oficiais, dizendo: Não dareis mais ao povo palha para fazer tijolos, como dantes; que eles mesmos vão e ajuntem palha para si. E a conta dos tijolos que faziam dantes poreis sobre eles; nada dela diminuireis; porque são ociosos; por isso clamam, dizendo: Vamos e sacrifiquemos ao nosso Deus. Ponha-se mais trabalho sobre os homens, para que se ocupem nele; e não deem ouvidos a palavras vãs. Então saíram os feitores do povo e os seus oficiais, e falaram ao povo, dizendo: Assim diz Faraó: Eu não vos darei palha. Ide, buscai palha onde a puderdes achar; contudo nada se diminuirá do vosso trabalho. Assim o povo se espalhou por toda a terra do Egito para ajuntar restolho em lugar de palha. E os feitores apressavam-nos, dizendo: Cumpri vossas obras, vossas tarefas diárias, como quando havia palha. E os oficiais dos filhos de Israel, que os feitores de Faraó tinham posto sobre eles, eram espancados, e se lhes dizia: Por que não cumpristes vossa tarefa de fazer tijolos, nem ontem nem hoje, como dantes? Então os oficiais dos filhos de Israel vieram e clamaram a Faraó, dizendo: Por que trata assim teus servos? Não se dá palha a teus servos, e nos dizem: Fazei tijolos; e eis que teus servos são espancados; porém a culpa é do teu próprio povo. Mas ele disse: Sois ociosos, sois ociosos; por isso dizeis: Vamos e sacrifiquemos ao Senhor. Agora, pois, ide e trabalhai; porque palha não se vos dará, e contudo entregareis a conta dos tijolos. Então os oficiais dos filhos de Israel viram que estavam em má situação, depois que se disse: Nada diminuireis dos vossos tijolos da vossa tarefa diária. Êxodo 5:5-19.

Antes da lei dominical, haverá uma agitação crescente contra os que guardam o sábado do sétimo dia, assim como houve no período que antecedeu as pragas do Egito. Moisés foi identificado tanto pelos egípcios quanto pelos hebreus como o responsável por todos os problemas, assim como Acabe acusou Elias disso.

E aconteceu que, quando Acabe viu Elias, disse-lhe: És tu o perturbador de Israel? Ele respondeu: Eu não tenho perturbado a Israel; mas tu e a casa de teu pai, porque abandonastes os mandamentos do Senhor, e tu seguiste os baalins. 1 Reis 18:17, 18.

A história de Moisés ilustra a história da lei dominical e a história de Elias ilustra a história da lei dominical. Juntos ou separadamente, Moisés e Elias são símbolos. Na Transfiguração de Cristo, juntos representaram os cento e quarenta e quatro mil que não morrem e os que morrem no Senhor. Moisés foi ressuscitado; Elias nunca morreu. Eles são também os dois profetas que atormentam o povo em Apocalipse 11. Muita verdade é representada por Moisés e Elias como símbolos, e esperamos tratar disso mais adiante.

Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor: e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição. Malaquias 4:5, 6.

Pouco antes de se encerrar o período de provação da humanidade, "Elias, o profeta" há de aparecer com uma mensagem especial que faz voltar "o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais." Todos os profetas testificam do fim do mundo, e todos concordam entre si.

E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas. Porque Deus não é Deus de confusão, mas de paz, como em todas as igrejas dos santos. 1 Coríntios 14:32, 33.

A mensagem de Elias chega pouco antes do grande e terrível dia do Senhor; portanto, é exatamente a mesma mensagem especial no livro do Apocalipse, que é apresentada como "a Revelação de Jesus Cristo". Quando "o tempo está próximo", a mensagem especial de Elias mostra aos servos de Deus "as coisas que em breve devem acontecer".

A Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer; e, enviando-a por meio do seu anjo, a comunicou ao seu servo João; o qual deu testemunho da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que viu. Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo. Apocalipse 1:1-3.

Observe que, quando Malaquias emprega Elias como símbolo, ele inclui uma referência direta à observância dos mandamentos.

Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, que lhe ordenei em Horebe para todo o Israel, com os estatutos e os juízos. Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição. Malaquias 4:4-6.

Estes três versículos são os últimos do Antigo Testamento e contêm a promessa final do Antigo Testamento, bem como uma ênfase em guardar os dez mandamentos. Há sete "bênçãos" no livro do Apocalipse e a última é uma bênção para os que guardam os dez mandamentos.

Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último. Bem-aventurados os que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas. Apocalipse 22:13, 14.

A última promessa no Antigo Testamento nos instrui a "Lembrar" os dez mandamentos, mas, ao fazê-lo, enfatiza o único mandamento que inclui a ordem de "lembrar".

Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; nele não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu gado, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e no sétimo dia descansou; pelo que o Senhor abençoou o dia do sábado e o santificou. Êxodo 20:8-11.

A última promessa tanto no Antigo quanto no Novo Testamento enfatiza os mandamentos de Deus, com ênfase especial no sábado do sétimo dia. Malaquias diz para "lembrar", e João nos informa que somos abençoados por fazê-lo. O sábado do sétimo dia comemora a criação de Deus e o seu poder criador. O sábado também se torna o ponto de controvérsia nos últimos dias da história da Terra. Quando João registra a "bênção" sobre aqueles que guardam os seus mandamentos, ele está simplesmente registrando o que Jesus, o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último, proclamou. Portanto, a última promessa do Novo Testamento tem a ver com o sábado do sétimo

dia e também com o atributo da divindade que identifica o fim pelo princípio.

A primeira verdade mencionada em Gênesis, que significa começos, identifica o Criador, a criação e dá ênfase especial ao sábado. Tomados em conjunto, linha por linha, o início do Antigo Testamento e o fim tanto do Antigo quanto do Novo Testamento enfatizam Deus como o Criador, os Dez Mandamentos, o mandamento do sábado e que Jesus é o princípio e o fim.

O profeta Elias é empregado por Malaquias como um símbolo na última promessa do Antigo Testamento e foi o profeta que confrontou Jezabel e Acabe. O livro do Apocalipse emprega Jezabel como símbolo do papado e dez reis como símbolo das Nações Unidas. O confronto de Elias com Acabe e Jezabel representa o confronto dos cento e quarenta e quatro mil com as Nações Unidas, fortalecidas pelos Estados Unidos e dirigidas pelo papado. Como rei das dez tribos do norte de Israel, Acabe representava o poder governante sobre dez tribos, tipificando assim os Estados Unidos (Acabe) conferindo poder às Nações Unidas (dez tribos ou dez reis em Apocalipse 17) para realizarem a perseguição dos que guardam o sábado em favor do papado (Jezabel). Quando Malaquias usa Elias para representar uma mensagem que vem antes do grande e terrível dia do Senhor, Elias representa aqueles que são perseguidos pela Roma moderna (o dragão, a besta e o falso profeta), assim como foi perseguido por Jezabel por três anos e meio. Ao enfatizar o sábado, empregando a palavra "lembra-te" em Malaquias 4:4, acrescenta-se a crise da lei dominical ao cenário profético ilustrado por Malaquias.

Há muito mais a acrescentar à consideração das verdades transmitidas ao comparar o início do Antigo Testamento com o final do Antigo Testamento e, depois, ao comparar o início da Bíblia com o final da Bíblia. Em Gênesis temos o Criador, a criação e o sábado que comemora a criação. Em Malaquias temos o mandamento do sábado identificado como a questão de crise que leva ao fechamento do período de provação humana e às sete últimas pragas, ou, como Malaquias o chama, "o grande e terrível dia do Senhor". Elias representa o povo de Deus que apresenta a mensagem do terceiro anjo a um mundo que perece.

"Hoje, no espírito e poder de Elias e de João Batista, mensageiros designados por Deus estão chamando a atenção de um mundo destinado ao juízo para os solenes eventos que em breve terão lugar em conexão com as horas finais do período de graça e a manifestação de Cristo Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores." Profetas e Reis, 715, 716.

O início da Bíblia, que é também o início do Antigo Testamento, aponta para a mesma história que o fim de ambos os Testamentos apresenta, mas cada início e cada fim têm sua própria verdade a enfatizar e a contribuir para a mensagem. Em Gênesis, o foco está nas atividades de Deus; em Malaquias, o foco está na mensagem que adverte sobre a crise vindoura. O fim de Apocalipse identifica o Alfa e o Ômega. No primeiro livro do Novo Testamento, lemos o seguinte.

O livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

Abraão gerou a Isaque; e Isaque gerou a Jacó; e Jacó gerou a Judá e seus irmãos; E Judá gerou de Tamar a Perez e a Zerá; e Perez gerou a Esrom; e Esrom gerou a Arão; E Arão gerou a Aminadabe; e Aminadabe gerou a Naassom; e Naassom gerou a Salmom; E Salmom gerou, de Raabe, a Boaz; e Boaz gerou, de Rute, a Obede; e Obede gerou a Jessé; E Jessé gerou a Davi, o

rei; e Davi, o rei, gerou a Salomão, daquela que fora mulher de Urias; E Salomão gerou a Roboão; e Roboão gerou a Abias; e Abias gerou a Asa; E Asa gerou a Josafá; e Josafá gerou a Jorão; e Jorão gerou a Uzias; E Uzias gerou a Jotão; e Jotão gerou a Acaz; e Acaz gerou a Ezequias; E Ezequias gerou a Manassés; e Manassés gerou a Amom; e Amom gerou a Josias; E Josias gerou a Jeconias e seus irmãos, por ocasião do cativo na Babilônia; E depois do cativo na Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel gerou a Zorobabel; E Zorobabel gerou a Abiúde; e Abiúde gerou a Eliaquim; e Eliaquim gerou a Azor; E Azor gerou a Zadoque; e Zadoque gerou a Aquim; e Aquim gerou a Eliúde; E Eliúde gerou a Eleazar; e Eleazar gerou a Matã; e Matã gerou a Jacó; E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo.

Assim, todas as gerações desde Abraão até Davi são catorze gerações; e desde Davi até o cativo babilônico são catorze gerações; e desde o cativo babilônico até Cristo são catorze gerações.

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, prometida em casamento a José, antes de coabitarem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. Então José, seu marido, sendo justo e não querendo expô-la à desonra pública, decidiu deixá-la em segredo. Mas, enquanto pensava nessas coisas, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua esposa; pois o que nela foi concebido é do Espírito Santo.

E ela dará à luz um filho, e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamarão o seu nome Emanuel, que, traduzido, é: Deus conosco. Então José, despertando do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu a sua mulher; e não a conheceu até que deu à luz o seu filho primogênito; e pôs-lhe o nome de JESUS. Mateus 1:1-25.

O início do Novo Testamento está em harmonia com o início e o fim do Antigo Testamento e com o fim do Novo Testamento, pois enfatiza o poder criador de Deus: o poder que Cristo empregou para criar todas as coisas em seis dias é o mesmo poder que Ele usa para “salvar o Seu povo dos seus pecados”. A palavra Emmanuel, conforme a passagem cita dos escritos de Isaías, significa “Deus conosco”. Ele habita em Seu povo ao combinar Sua divindade com a nossa humanidade, e foi essa mesma combinação que Ele realizou quando Se encarnou em Maria.

Nada menos do que a obediência perfeita pode satisfazer o padrão daquilo que Deus requer. Ele não deixou indefinidas as Suas exigências. Ele não ordenou nada que não seja necessário para colocar o homem em harmonia com Ele. Devemos indicar aos pecadores o Seu ideal de caráter e conduzi-los a Cristo, por cuja graça somente esse ideal pode ser alcançado.

O Salvador tomou sobre Si as enfermidades da humanidade e viveu uma vida sem pecado, para que os homens não temessem que, por causa da fraqueza da natureza humana, não pudessem vencer. Cristo veio para nos tornar 'participantes da natureza divina', e Sua vida declara que a humanidade, combinada com a divindade, não comete pecado. Ministério da Cura, 180.

O início do Novo Testamento identifica onde, quando e por que Jesus assumiu a nossa natureza humana. Ele o fez para demonstrar que o poder humano, combinado com o poder divino, não peca. O pecado é a transgressão da lei, que Malaquias diz que devemos “lembrar”. João nos informa que aqueles que guardam a lei e, portanto, não estão pecando, podem entrar pelas portas celestiais. Mateus indica que um pecador pode vencer o pecado, assim como Cristo venceu. Quando temos Cristo em nós (a esperança da glória), temos em nós o poder criador que fez o universo. Essa possibilidade foi proporcionada por Cristo ao escolher entrar na família humana e, pelo resto da eternidade, tornar-se não apenas o Filho de Deus, mas também o Filho do Homem.

Há uma mensagem especial de verdade do livro do Apocalipse, revelada ao povo de Deus pouco antes do encerramento do tempo de graça da humanidade. Essa mensagem especial é também a "mensagem de Elias" de Malaquias, proclamada pouco antes do "terrível dia do Senhor".

No início de ambos os Testamentos e no final do Novo Testamento, são identificados atributos específicos de Deus. Em Gênesis, Ele é o Criador, e no final de Apocalipse, Ele é o Alfa e o Ômega. No início do Novo Testamento, Ele se torna o Filho do Homem. E no final do Antigo Testamento, encontramos o princípio que o mensageiro Elias usa para cumprir a mensagem que proclamaria: voltar o coração dos pais aos filhos e vice-versa.

O princípio profético que Elias aplica para apresentar sua mensagem de advertência é exatamente o que João foi ordenado a fazer no Apocalipse. Elias "converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos pais", e foi dito a João que escrevesse as coisas que então eram e, ao fazê-lo, estaria simultaneamente escrevendo as coisas que viriam. João foi usado para ilustrar como o princípio do alfa e do ômega opera na palavra profética, e Elias fundamentará sua mensagem no mesmo princípio. Quando comparamos o início da Bíblia com o fim da Bíblia, estamos comparando o Antigo com o Novo. Um pai é o início de seu filho, e o filho é o fim do pai. Os cento e quarenta e quatro mil são a geração final dos filhos de Abraão, e a história em que Deus entrou em aliança com Abraão tipifica a história em que Deus renova essa aliança com os cento e quarenta e quatro mil.

Portanto, é pela fé, para que seja pela graça; para que a promessa seja segura para toda a descendência; não somente para a que é da lei, mas também para a que é da fé de Abraão, que é pai de todos nós. Romanos 4:16.

A mensagem de Elias representa o princípio do alfa e do ômega, pois os pais são alfa e os filhos são ômega. A mensagem de Elias converteria os corações dos pais aos filhos. Cristo identificou João Batista como Elias, e Ellen White identificou William Miller como tanto Elias quanto João Batista. A mensagem de todos esses homens representativos foi apresentada como convertendo os corações dos pais aos filhos e vice-versa. Essa obra representa o efeito da mensagem ao converter os corações dos homens ao seu Pai celestial, mas significa mais, pois é um símbolo da obra. Na profecia bíblica, os símbolos têm mais de um significado e devem ser identificados pelo contexto.

O que foi que tornou João Batista grande? Ele fechou sua mente ao conjunto de tradições apresentado pelos mestres da nação judaica e a abriu à sabedoria que vem do alto. Antes de seu nascimento, o Espírito Santo deu testemunho de João: 'Ele será grande aos olhos do Senhor e

não beberá vinho nem bebida forte; e será cheio do Espírito Santo.... E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante dele no espírito e no poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos; para preparar um povo preparado para o Senhor.' Lucas 1:15-17. Conselhos a Pais, Professores e Estudantes, 445.

A mensagem foi concebida para que aqueles que escolherem ouvir voltem seus corações ao Pai Celestial; contudo, o princípio profético principal que será usado para transmitir a mensagem de advertência será o de que Cristo é o Alfa e Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. A mensagem de Elias baseia-se na apresentação da Palavra profética de Deus, sob a perspectiva de que Jesus Cristo é a Palavra de Deus, e de que as regras que regem a Bíblia também são atributos de Seu caráter.

"A lei de Deus é tão sagrada quanto o próprio Deus. É uma revelação de Sua vontade, uma transcrição de Seu caráter, a expressão do amor e da sabedoria divinos. A harmonia da criação depende da perfeita conformidade de todos os seres, de tudo, animado e inanimado, à lei do Criador. Deus ordenou leis para o governo, não apenas dos seres vivos, mas de todas as operações da natureza. Tudo está sujeito a leis fixas, que não podem ser desconsideradas. Mas, enquanto tudo na natureza é governado por leis naturais, somente o homem, dentre tudo o que habita a terra, é responsável perante a lei moral. Ao homem, a obra-prima da criação, Deus concedeu poder para entender Suas exigências, para compreender a justiça e a beneficência de Sua lei e suas sagradas reivindicações sobre ele; e do homem exige-se obediência inabalável." Patriarcas e Profetas, 53.

Tudo (e isso incluiria a Bíblia, pois a Bíblia é algo e, se é algo, então faz parte de tudo) está sujeito a leis fixas. A Bíblia tem leis fixas ou regras que regem a sua interpretação correta. Uma dessas regras é que a Bíblia identifica o fim de uma coisa com o início de uma coisa. Jesus é a Palavra de Deus, e Ele é o primeiro e o último, e isso é uma "lei fixa" e um atributo de Seu caráter.

Usamos esta introdução de Elias para mostrar que o início e o fim tanto do Antigo quanto do Novo Testamento estão de acordo. O final da Bíblia, que é igualmente o final do livro do Apocalipse, concorda com o início do Apocalipse. Cinco testemunhas das mesmas verdades, baseadas no princípio — que é um atributo do caráter de Deus — de que a Palavra de Deus sempre ilustra o fim de uma coisa com o início dessa mesma coisa. Essa realidade é parte do que significa que Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega.

Ao apóstolo João, na ilha de Patmos, foram reveladas cenas de profundo e emocionante interesse na experiência da igreja. Temas de intenso interesse e de vasta importância foram-lhe apresentados em figuras e símbolos, para que o povo de Deus tivesse entendimento acerca dos perigos e conflitos que estavam diante deles. A história do mundo cristão até o próprio fim do tempo foi revelada a João. Com grande clareza, ele viu a posição, os perigos, os conflitos e o livramento final do povo de Deus. Ele registra a mensagem derradeira que há de amadurecer a seara da terra, seja como molhos para o celeiro celestial, seja como feixes de lenha para os fogos do último dia.

Em visão, João contemplou as provações que o povo de Deus haveria de suportar por amor à verdade. Ele viu a sua firmeza inabalável em obedecer aos mandamentos de Deus, diante dos poderes opressivos que buscavam forçá-los à desobediência, e viu o seu triunfo final sobre a besta e a sua imagem.

Sob os símbolos de um grande dragão vermelho, de uma besta semelhante a um leopardo e de uma besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro, foram apresentados a João os governos terrenos que especialmente se empenhavam em pisotear a lei de Deus e perseguir o Seu povo. A guerra prossegue até o fim do tempo. O povo de Deus, simbolizado por uma mulher santa e por seus filhos, foi representado como estando em grande minoria. Nos últimos dias, apenas um remanescente ainda existia. Desses, João fala como os que 'guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo'.

Por meio do paganismo e depois por meio do Papado, Satanás exerceu seu poder por muitos séculos, num esforço para apagar da terra as fiéis testemunhas de Deus. Pagãos e papistas eram movidos pelo mesmo espírito do dragão. Diferiam apenas em que o Papado, sob a aparência de servir a Deus, era o inimigo mais perigoso e cruel. Por intermédio do romanismo, Satanás cativou o mundo. A igreja que professava ser de Deus foi arrastada para as fileiras desse engano, e por mais de mil anos o povo de Deus sofreu sob a ira do dragão. E, quando o Papado, despojado de sua força, foi forçado a cessar a perseguição, João contemplou um novo poder surgindo para ecoar a voz do dragão e levar adiante a mesma obra cruel e blasfema. Esse poder, o último que há de guerrear contra a igreja e a lei de Deus, foi simbolizado por uma besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro. As bestas que a precederam haviam subido do mar, mas esta surgiu da terra, representando a ascensão pacífica da nação simbolizada. Os "dois chifres como os de um cordeiro" representam bem o caráter do Governo dos Estados Unidos, expresso em seus dois princípios fundamentais, o Republicanismo e o Protestantismo. Esses princípios são o segredo do nosso poder e prosperidade como nação. Aqueles que primeiro encontraram asilo nas costas da América alegraram-se por terem chegado a um país livre das reivindicações arrogantes do papismo e da tirania do governo monárquico. Determinaram estabelecer um governo sobre o amplo fundamento da liberdade civil e religiosa.

Mas o traço austero do lápis profético revela uma mudança neste cenário pacífico. A besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro fala com voz de dragão e "exerce todo o poder da primeira besta diante dele". A profecia declara que ele dirá aos que habitam na terra que façam uma imagem à besta, e que "faz com que todos, tanto pequenos como grandes, ricos e pobres, livres e escravos, recebam uma marca na mão direita ou na frente; e que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver a marca, o nome da besta, ou o número do seu nome". Assim, o Protestantismo segue os passos do Papado.

É nesse momento que o terceiro anjo é visto voando no meio do céu, proclamando: "Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber a sua marca na testa, ou na mão, esse beberá do vinho da ira de Deus, que é derramado sem mistura no cálice da Sua indignação." "Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus." Em nítido contraste com o mundo está o pequeno grupo que não se desviará de sua fidelidade a Deus. Estes são aqueles de quem Isaías

fala, como os que reparam a brecha que fora feita na lei de Deus, os que reedificam os lugares antigamente assolados, levantando os fundamentos de muitas gerações.

O mais solene aviso e a mais terrível ameaça já dirigidos aos mortais estão contidos na mensagem do terceiro anjo. O pecado que atrai a ira de Deus, sem mistura de misericórdia, deve ser de caráter dos mais hediondos. Deverá o mundo ser deixado em trevas quanto à natureza desse pecado? — De modo algum. Deus não trata assim com Suas criaturas. Sua ira jamais recai sobre pecados de ignorância. Antes que Seus juízos sejam trazidos sobre a terra, a luz a respeito desse pecado deve ser apresentada ao mundo, para que o homem saiba por que esses juízos hão de ser infligidos e tenha oportunidade de escapar deles.

A mensagem que contém este aviso é a última a ser proclamada antes da revelação do Filho do homem. Os sinais que Ele mesmo deu declaram que a Sua vinda está próxima. Há quase quarenta anos a mensagem do terceiro anjo vem soando. No desfecho do grande conflito, formam-se dois grupos: os que 'adoram a besta e a sua imagem' e recebem a sua marca, e os que recebem 'o selo do Deus vivo', que têm o nome do Pai escrito em suas testas. Isto não é uma marca visível. Chegou o tempo em que todos os que se interessam pela salvação de suas almas devem perguntar-se, com seriedade e solenidade: O que é o selo de Deus? e o que é a marca da besta? Como podemos evitar recebê-la?

O selo de Deus, o sinal ou marca de Sua autoridade, encontra-se no quarto mandamento. Este é o único preceito do Decálogo que aponta para Deus como o Criador dos céus e da terra, e distingue claramente o verdadeiro Deus de todos os falsos deuses. Ao longo das Escrituras, o poder criador de Deus é citado como prova de que Ele está acima de todas as divindades pagãs.

O sábado ordenado pelo quarto mandamento foi instituído para comemorar a obra da criação, para, assim, manter as mentes dos homens sempre voltadas para o Deus verdadeiro e vivo. Se o sábado sempre tivesse sido guardado, nunca teria havido um ídólatra, um ateu ou um incrédulo. A observância sagrada do dia santo de Deus teria conduzido as mentes dos homens ao seu Criador. As coisas da natureza teriam-no trazido à sua lembrança, e teriam dado testemunho de Seu poder e Seu amor. O sábado do quarto mandamento é o selo do Deus vivo. Aponta para Deus como o Criador, e é o sinal de Sua legítima autoridade sobre os seres que Ele fez.

O que é, então, a marca da besta, se não é o sábado falso que o mundo aceitou no lugar do verdadeiro?

A declaração profética de que o Papado se exaltaria acima de tudo o que se chama Deus ou é adorado tem sido notavelmente cumprida na mudança do sábado do sétimo dia para o primeiro dia da semana. Onde quer que o sábado papal seja honrado em preferência ao sábado de Deus, ali o homem do pecado é exaltado acima do Criador do céu e da terra.

Os que afirmam que Cristo mudou o sábado contradizem diretamente Suas próprias palavras. No Seu Sermão do Monte, Ele declarou: “Não penseis que vim destruir a lei, ou os profetas; não vim para destruir, mas para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i nem um til de modo algum passará da lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mínimos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado

o menor no reino dos céus; mas aquele que os cumprir e ensinar, esse será chamado grande no reino dos céus.”

Os católicos romanos reconhecem que a mudança do sábado foi feita por sua igreja, e citam essa própria mudança como evidência da autoridade suprema dessa igreja. Declaram que, ao observar o primeiro dia da semana como o sábado, os protestantes estão reconhecendo o poder dela de legislar em coisas divinas. A Igreja Romana não abriu mão de sua pretensão à infalibilidade e, quando o mundo e as igrejas protestantes aceitam o sábado espúrio de criação dela, estão virtualmente reconhecendo essa pretensão. Podem citar a autoridade dos apóstolos e dos pais da igreja em defesa dessa mudança, mas a falácia de seu raciocínio é facilmente percebida. O papista é perspicaz o suficiente para ver que os protestantes estão iludindo-se, fechando voluntariamente os olhos para os fatos do caso. À medida que a instituição do domingo ganha favor, ele se regozija, convencido de que acabará por trazer todo o mundo protestante sob a bandeira de Roma. Sinais dos Tempos, 1º de novembro de 1899.